

3ª Parte

Prosa de Ficção

Mundica, mulata do cais

barros pinho

Depois de mim corre um rio. Já ouvi falar nele. Chico do Gonçalves pôs os pés nessa aguazona da cor de barro vermelho. Dona Dolores vem lá dessas bandas, no cheiro da irmã casada com seu Zuza do Flor do Tempo. É vista de fins d'água. O povo da cidade às vezes se lembra dos viventes aqui do mato. A tudo eles inspecionam com o olho do ausente. O cercado, sabe Deus como anda em pé. O engenho renova o ofício de muitos janeiros, soltando gemidos da moenda de madeira. O boi Sabonete, impassível, de canga no pescoço. Na casa grande, a menina cheirando a moça, de flor no cabelo, carrega no ventre o cio da terra viçosa. Dona Dolores chega a observar uma beleza de aurora nos olhinhos da cabocla, ligeiros como relâmpagos, a apanhar no canto a cabaça pra labuta da fonte.

Mundica do Flor do Tempo, se não era esse o nome de batismo, foi apelido que lhe deram depois dos nove meses e três dias do encontro da negra Nazaré com o Polinário no baixão de dentro. O mundo da moleca nova era uma roleta. Ora circunscrito à história de sua origem, lembrada pela malícia ferina dos cambiteiros, ora, nos adjutórios domésticos, à dona Dica, esposa de seu Zuza, bom de moagem e de gatinho na espera.

O rio era a obstinação da mulata. A esteira d'água do conversar fanhoso do Chico do Gonçalves não lhe saía do coco, desde o domingo da desbulha. Até dormindo, a voz lhe estava presente, como a descarregar um sonho. O mercado da cidade, uma coisa de encher a vista. Uns homens de paletó com uns enlinhados no pescoço, donde vinha uma zoada com a história do Pavão Misterioso e o Namoro de Toinho com Mariquinha.

Naquela manhã – o sol todo de fora.

Já de noite, na beira do rio, depois da rampa, estava o gaiola com farol na popa alumando à força do motor. E o paredão chamado cais, com tanta mulher assim, entre nua e vestida, que a gente do engenho com esse vício de fêmea até se espanta.

Dona Dolores se abanca e dá de espiar nos passos da Mundica, olhando fundo as intenções que formigam no juízo da donzela. É obsessão de bonina – o rio com seus mistérios e a cidade com seus segredos. Por cima da ribanceira de sonhar, os modos de dona Dolores, mulher da capital, metida num vestido de seda e brincos de penduricalho, pulseiras de miçanga, uma senhora de boas medidas. Até lembra a cigana dos tempos das vacas gordas, que passara pelo engenho com o brilho de sol das manhãs abertas. Não mais vivia a preta Nazaré. Que se viva fosse, talvez afastasse esse rio grandão do Chico, das ventas da filha que tanto leite lhe mamara.

Na casa do sem-jeito, tudo foi arranjado. Dona Dolores conseguiu a permissão da irmã exigente e intransigente com a virginda-de da mulata. Grelo esperando prenda de casamento; véu e grinalda de laranjeira, com homem dotado, de agrado da família.

O Dico da Tiquara, que entre uma lua e um sol, deu de aparecer no Flor do Tempo descobrindo festa nos dentes de Mundica, fora esquecido. Antes, tinha sofrido do mal do desamparo o João, baralho da desobriga do padre Delfino. O Olho D'água do tempo das eleições e dos festejos na capela de São Jorge, aquela que tem um espigado galo de barro na torre, sempre em posição de cantador contínuo das madrugadas. Os banhos de vertente nuinha como a lua com essa cara de verão. A chapada do piqui. A matinha da guabiraba. A moagem e o atrevimento respeitoso dos cambiteiros. Tudo era carta que sobrava no baralho da Mundica, cheinho na tampa de valeta do rio e de viagem pra Teresina.

A Josefa com olho de ciência, a mexer nos bilros, no orgulho de dispensar o uso dos pince-nez, cochichava: - esta bichinha só tando com o diabo nos couros. Formiga quando quer se perder cria asas.

Da parte dos cambiteiros, seu Zuza quase recebeu carta de muita respeitacão pra esfriar o fogo da cabrocha. A viagem espalhou tristeza no verde das canas. Quem botaria pau doce do palheiro pra boca do engenho, sem maus pensamentos? As cheias ancas de Mundica eram uma ilusão de boa safra. Os mamões verdes de Maria Paula bem que ajudavam a remoer o cansaco do trabalho. Refrigério dos mais necessitados na palma da mão sacrificando a espécie.

Numa madrugada rasa, o sol quase de fora pelas encostas, carro de boi o caminho do Parnarama. Quando por lá chegarem

na hora em que o feijão é mais gostoso – dona Dolores e Mundica vão direitinho à balsa que lhes espera para o destino. Léguas d'água nos olhos da mulata, buscando beleza e saudade nas palmeiras de babaçu que ficam pra trás. Viagem mansa como o passo do boi sabonete, parceiro de canga do boi mimoso.

Fez-se a última curva do rio pra se alcançar Teresina. Todos apontaram a capital. Os mais curiosos distinguiram a torre da Igreja de Nossa Senhora do Amparo. A mulata espichou o corpo como se acordasse dum sono de encantamento. Passa em revista a paisagem. Não usa o indicador. Seu olhar demora-se espreguiçando-se na torre da igreja e não enxerga o galo da capelinha de São Jorge, que se habituava a ver. Espanta-se. Sente-se um mundão a engolir-lhe os pés.

Num fechar de olho, entra na cidade com o pé esquerdo. Vive na proteção de dona Dolores numa venda de secos e molhados. Faz vida de mulher adulta. Dispõe das noites nos bares com cheiro de creolina. Entra em muitos canaviais. À sombra de uma quarta-feira de cinzas, volta ao cais. O céu era grave. Nenhuma estrela de quebra. No outro dia as manchetes dos jornais receberam a sorte da mulata.